

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 38 No. 2 Maio - Agosto 2025

Dossiê: Arqueologia Histórica dos Grupos Indígenas no Litoral Sudeste

ARTIGO

ARQUEOLOGIA DOS BOTOCUDOS NO ESPÍRITO SANTO*

Henrique Antônio Valadares Costa**, Ximena Suarez Villagran***

RESUMO

Este artigo trata sobre indicativos da presença borum em sambaquis do Espírito Santo. Datações dos séculos XVIII e XIX em sambaquis do município de Linhares sugerem sua inclusão no padrão de assentamento dos Botocudos durante o período colonial. Utilizando dados etno-históricos, identifica-se a ocupação intensa entre os rios São Mateus e Doce por grupos historicamente denominados Botocudos, reconhecidos como indígenas Krenak, falantes da língua borum do tronco macro-jê. O estudo discute as denominações históricas desses povos (Aimoré no século XVI, Botocudo no século XVIII e Krenak do século XX em diante), relaciona os dados linguísticos com as práticas culturais descritas nas crônicas etnohistóricas, e articula todas as informações com dados isotópicos disponíveis na bibliografia e apresenta análises zooarqueológicas inéditas nos sambaquis do norte do Espírito Santo.

Palavras-chave: Caçadores coletores na floresta tropical; Arqueologia macro-jê; Arqueologia no Espírito Santo; Etnohistória dos Botocudos; Zooarqueologia de sambaquis.

* Esta pesquisa recebeu financiamento do CNPq, processo 402947/2016-9, e da FAPESP, processo 2023/08230-7, ambos sob coordenação da Profa. Ximena S. Villagran.

** Doutor em arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo e Professor convidado pelo Curso de Pedagogia Intercultural Indígena (PIINDI) da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: henrivaladares@alumni.usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2330-5654>

*** Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. E-mail: villagran@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8630-2015>

ARCHAEOLOGY OF THE BOTOCUDOS IN ESPÍRITO SANTO

ABSTRACT

This study examines evidence of Borum presence in sambaquis (shellmounds) in the state of Espírito Santo. Radiocarbon dated from the 18th and 19th centuries in association with sambaquis in the municipality of Linhares indicate their integration into the Botocudo settlement patterns during the colonial era. Drawing on ethnohistorical and archaeological data, significant occupation occurred between the São Mateus and Doce rivers by groups that have been referred to as “Botocudos,” now deemed as the Krenak Indigenous people, who speak the Borum language (which belongs to the Macro-Jê linguistic family). This study discusses the historical denominations of these peoples (Aimoré in the 16th century, Botocudo in the 18th century, and Krenak from the 20th century onward), relates linguistic data to the cultural practices in ethnohistorical chronicles, and connects this information to the isotopic data in the literature and unpublished zooarchaeological analyses from sambaquis in northern Espírito Santo.

Keywords: Hunter-gatherers in the tropical forest; Macro-Jê archaeology; Archaeology in Espírito Santo; Ethnohistory of the Botocudos; Sambaqui zooarchaeology.

ARQUEOLOGÍA DE LOS BOTOCUDOS EN ESPÍRITO SANTO

RESUMEN

Este artículo examina indicios de la presencia de borum en los concheros del estado de Espírito Santo (Brasil). Fechados radiocarbónicos de los siglos XVIII y XIX en concheros del municipio de Linhares sugieren su integración en el patrón de asentamiento de los botocudos durante el período colonial. A partir de datos etnohistóricos, se identifica una intensa ocupación entre los ríos São Mateus y Doce por grupos históricamente denominados “botocudos”, actualmente reconocidos como indígenas krenak, hablantes de la lengua borum del tronco macro-jê. Este estudio analiza las denominaciones históricas de estos pueblos (aimoré en el siglo XVI, botocudo en el siglo XVIII y krenak desde el siglo XX en adelante), relaciona los datos lingüísticos con las prácticas culturales descritas en las crónicas etnohistóricas y articula toda esta información con datos isotópicos disponibles en la bibliografía y análisis zooarqueológicos inéditos de los concheros del norte de Espírito Santo.

Palabras clave: Cazadores-recolectores de la selva tropical; Arqueología macro-jê; Arqueología de Espírito Santo; Etnohistoria de los botocudos; Zooarqueología de concheros.

INTRODUÇÃO

Este artigo é um desdobramento da tese doutoramento intitulada *A ocupação holocênica no litoral norte do Espírito Santo*, defendida em 2020 na Universidade de São Paulo. Datações dos séculos XVIII e XIX foram reportadas nas camadas superficiais dos sambaquis Suruaca 20 e Lagoa Bonita 17, localizados no município de Linhares, litoral norte do Espírito Santo (Villagran *et al.*, 2018). Pela intensa presença de grupos historicamente denominados Botocudos na região compreendida entre os rios Doce e São Mateus, indicada em diversos relatos etnohistóricos (Neves, 2000; Paraíso, 1998; Saint-Hilaire, 2002; Von Wied, 1942), as datações levantaram a possibilidade de inclusão dos sambaquis dentro do padrão de assentamento dos Botocudos no período colonial (Costa, 2020). Com o cruzamento detalhado das informações etno-históricas e arqueológicas, apresentamos a hipótese de que a ocupação final desses sítios poderia corresponder a uma reocupação borum dos sambaquis em tempos históricos e, portanto, representar o único vestígio arqueológico dos Botocudos no litoral norte do Espírito Santo.

Os Botocudos, denominados de Aimoré no século XVI (Sousa, 2010; Vasconcellos, 1865), têm por seus representantes diretos os indígenas krenak, reconhecidos atualmente nos estados de Minas Gerais e São Paulo¹ (Carvalho, 2021). Esses indígenas são falantes da língua borum, parte do tronco linguístico macro-jê, definidos também como macro-jês orientais (Bórmida, 1965; Metraux; Ploetz, 1929; Nikulin, 2020; Ribeiro, 2006; Rodrigues, 1999; Seki, 1987). O nome “Botocudo” foi atribuído pelos portugueses do final do século XVIII devido ao uso de adorno circular de madeira, aplicado no lóbulo da orelha e/ou no lábio inferior, denominado de botoque² (Religiões [...], 1841). Neste artigo, atribuímos os etnônimos “Aimoré” para os Borum do século XVI, “Botocudo” para os Borum do século XVIII ao início do XX e “Krenak” para os Borum da segunda metade do século XX até o presente. Os nomes “Borum” e “Botocudo” serão usados indistintamente.

A máxima extensão territorial desses povos foi atingida na primeira metade do século XIX, entre as regiões sul da Bahia, centro-norte do Espírito Santo e nordeste de Minas Gerais. A presença no Espírito Santo foi marcante até o início do século XX, principalmente entre os vales dos rios Doce e São Mateus (Almeida, 1959). A dinâmica socioeconômica era de caçadores coletores especializados em forrageamento na floresta ombrófila densa, modelo autárquico que perdurou até a integração total à sociedade nacional em 1910 (Emmerich; Montserrat, 1975; Estigarribia, 1937; Metraux, 1946; Nimuendajú, 1946; Paraíso, 2009).

A primeira informação de povos borum no Espírito Santo é registrada em 1577, na região do rio Doce (Emmerich; Montserrat, 1975). No entanto, sua consolidação como grupo acontece com o início da catequese pelos jesuítas, registrada pelo padre Jácome Monteiro em 1610, também na foz do rio Doce (Monteiro, 1966).

A presença dos Botocudos para além das margens do rio Doce passa a ser maior na segunda metade do século XVIII. Essa presença foi registrada, na maior parte, em ataques

¹ Os Krenak foram mobilizados pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) para a terra indígena no município de Resplendor (MG), com área de 4.027,03 hectares e no município de Arco-Íris (SP) com área de 708,93 hectares. Neste caso, essa terra indígena é compartilhada com outros grupos indígenas de etnias diferentes.

² O termo “botoque” provém da semelhança com as tampas de barris ou tonéis que eram fechados como rolhas.

a vilas de indígenas integrados (falantes do tupi) à sociedade colonial ao mesmo tempo que nas fazendas de portugueses e luso-brasileiros. O padre José de Anchieta informa que os ditos Aimoré foram no início “amigáveis” aos portugueses. No entanto, no final do século XVI travaram uma intensa guerra com sucesso nas regiões do sul da Bahia, e foram acusados de terem sido os responsáveis pelo fracasso econômico das capitanias de Ilhéus e Porto Seguro (Anchieta, 1933).

Auguste de Saint-Hilarie informou que a região de Aldeia Velha³ na década de 1770 sofreu um pesado ataque dos Botocudos, obrigando os indígenas locais, sob ordem da administração da capitania, a que se estruturassem em uma reorganização militar defensiva, alterando a ocupação e concentrando mais as habitações (Saint-Hilaire, 2002). O capitão-mor Ignacio de Monjardino, em relatório governamental de 1790 (Neves, 2000), reportou que, na mesma vila denominada Aldeia Velha, as pessoas da localidade estavam “sempre com armas na mão a atalhar alguma hostilidade do gentio bárbaro” (Neves, 2000, p. 133).

Ataques em 1779, próximos a Vila da Vitória, foram reportados em carta à rainha d. Maria I com pedidos da Câmara da Vila de auxílio contra uma provável invasão na sede administrativa da capitania (Vitória, 1779). Regiões próximas à capital continuaram a sofrer uma intensa pressão desses ataques, como no atual município da Serra, em 1811, e em outras partes do Espírito Santo ao longo do século XIX (Bittencourt, 1989; Rubim, 1840).

A documentação etno-histórica apresenta uma forte expansão dos Botocudos entre os rios Doce e São Mateus, entre 1779 e 1818, impondo às autoridades (as locais e a corte metropolitana) uma situação defensiva por meio da formação de novas milícias e da criação de diversos quartéis ao longo da baía de Vitória e das margens do rio Doce até o sul da Bahia (Von Wied, 1942).

O pesquisador Celso Perota informa que a extensa presença dos Botocudos a partir do final do século XVIII deveu-se ao fato de terem sido “forçados pelos grupos mineradores que atuaram nas cabeceiras formadoras do rio Doce” (Perota, 1995, p. 10). O conflito ter-se-ia iniciado no século XVI e durado até a última luta oficial de um grupo botocudo contra as instituições nacionais, acabando com os conflitos militares em 1910⁴ (Nimuendajú, 1946).

Em suma, a presença dos Borum na região entre os rios Doce e São Mateus, que abrange o litoral do município de Linhares, onde se localizam os sambaquis Lagoa Bonita 17 e Suruaca 20, começa no final do século XVI e é seguida de uma rápida expansão por todo o centro-norte do Espírito Santo (Figura 1). O processo de hegemonia territorial borum no rio Doce avança na primeira metade do século XVII, quando os avistamentos de outros grupos se tornaram cada vez menores e a presença borum cada vez mais constante (Vasconcellos, 1865). O predomínio dos Botocudos foi estabelecido, segundo documentação oficial, na segunda metade do século XVIII com denúncias de ataques em diversos pontos até a necessidade de militarização de toda a faixa costeira norte e das margens do rio Doce no século XIX (Bittencourt, 1989; Moreira, 2017; Neves, 2000; Vitória, 1779).

³ Atual município de Aracruz, litoral norte do Espírito Santo, ao sul do município de Linhares.

⁴ Os Pojichá foram o último grupo a se manter autárquico ante a sociedade nacional na região atual de Nova Venécia. Porém, a luta das populações indígenas mantém-se até o presente enquanto movimento social. O que se está referindo como findada foi a luta armada contra as instituições governamentais.

Figura 1. Detalhe do mapa de Nimuendaju com a distribuição histórica dos Borum em azul.



Fonte: Nimuendaju, 1981.

Alguns autores, como Renato Pacheco, indicavam na década de 1950 que no Espírito Santo os Borum estavam extintos como grupo étnico, diluídos na população como trabalhadores rurais (Pacheco, 1957). No entanto, existe atualmente uma luta de reconhecimento de comunidades indígenas autodeterminadas como Botocudos no Espírito Santo que buscam reverter o projeto político de invisibilização sofrido ao longo da história (Costa; Faccio, 2013, 2016). A comunidade de Areal por exemplo, no rio Doce, está nesse processo de luta buscando seu reconhecimento na Fundação Nacional do Índio (Funai) (Ferreira, 2017).

A PESQUISA CIENTÍFICA DOS BOTOCUDOS NO SÉCULO XIX

Devido ao sucesso em manter seu modo de vida cultural afastado da sociedade ocidental, os Borum atraíram grande interesse de naturalistas a partir do início do século XIX, por serem considerados um dos representantes mais “primitivos” da histórica humana (Gould, 1991; Schwarcz, 1993). A relevância no cenário acadêmico foi tão importante que os Botocudos foram incluídos dentre os primeiros nativos americanos a serem registrados em fotografias em 1844⁵. As mais modernas tecnologias e ciências da época inclinavam seu interesse aos ditos mais “atrasados” povos do mundo (Morel, 2001).

⁵ Juntamente com os Inuítes, os Botocudos foram os primeiros indígenas do mundo a serem fotografados.

Os primeiros apontamentos científicos foram produzidos pela cooperação dos naturalistas germânicos Maximiliano de von Wied e o antropólogo físico Joseph Blumenboth. Após retornar com crânios botocudos de sua viagem ao Brasil, entregues por Von Wied a Blumenboth, este estabeleceu os primeiros registros antropométricos de indivíduos borum (Blumenbach, 1828). O interesse sobre a craniometria como indicador de atavismos foi revisitado por outros naturalistas, como o geólogo Charles F. Hartt, que compara os estudos de Blumenboth e do pesquisador estadunidense Samuel G. Morton (Hartt, 1941b; Morton, 1839). Os resultados dessas pesquisas tiveram importância maior no Brasil a partir da década de 1870, quando o interesse pelas populações ameríndias foi assumido pelas ciências biológicas e pelas teorias raciais de darwinismo social (Schwarcz, 1993).

Deslocados do antigo aldeamento de Mutum, indígenas botocudos do Espírito Santo foram enviados à capital imperial para a feira antropológica de 1882 (Morais Filho, 1882). A apresentação dos indígenas no evento foi duramente criticada pelo próprio José do Patrocínio, que denunciou a forma desumana com a qual foram tratados (Athayde, 1935). Foi nessa fase que o Brasil inaugurou os primeiros estudos regionais de craniometria em Botocudos, feitos por Lacerda Filho e José. Rodrigues Peixoto (Lacerda Filho; Peixoto, 1876; Peixoto, 1885). Foi também no século XIX que se iniciaram os estudos linguísticos de Carl. F. P. von Martius, com o estabelecimento das categorias modernas de macro-jê substituindo os Tapuia do período colonial (Bórmida, 1965).

O PROBLEMA DAS ORIGENS DOS BOTOCUDOS

A primeira reflexão sobre a origem dos Borum data do século XVI, com o cronista Gabriel Soares de Sousa, quando atribuiu uma razão histórica à diferença étnica e comportamental dos Aimorés:

Descendem esses Aimores de outros gentios a que chamam Tapuyas, dos quais no tempo atrás se ausentaram certos casais, e foram-se para umas serras mui ásperas, fugindo de um desbarate, em que os puseram seus contrários, onde residiram muitos anos sem verem outra gente; e os que destes descenderam, vieram a perder a linguagem e fizeram outra nova que se não entende de nenhuma outra nação do gentio do Estado do Brasil (Sousa, 2010, p. 74).

O “desbarate” tratado por Soares de Sousa é sugerido por Anchieta quando relata que as localidades, antes de terem as toponímias tupi, eram ainda reconhecidas por palavras tapuia (Anchieta, 1933, p. 302):

Destes Tapuias foi antigamente povoada esta costa, como os índios afirmam e assim o mostram muitos nomes de muitos lugares que ficaram de suas línguas que ainda agora se usam; mas foram se recolhendo para os matos e muitos deles moram entre os índios da costa e do sertão.

Certamente a pressão dos grupos tupi, em franca expansão pela costa, teria causado grande impacto entre os chamados “Tapuias” no período pré-colonial (Brochado, 1989; Corrêa, 2014; Noelli, 2008).

Posteriormente, no final do século XIX, a antropologia física propõe uma origem histórica para os Botocudos, com profundidade cronológica de poucos séculos após a chegada europeia em 1500. Se inicialmente João Lacerda Filho e José Rodrigues Peixoto

colocaram aos Botocudos entre as “raças” estudadas que mais se aproximariam aos primeiros americanos (Lacerda Filho; Peixoto, 1876), em um segundo momento e com o aprofundamento dos estudos craniométricos, José Rodrigues Peixoto levantou a hipótese de serem resultado do cruzamento entre os “homens do sambaqui” e os “homens de Lagoa Santa” (Peixoto, 1885).

Esse debate é retomado no campo da antropologia física, utilizando agora parâmetros mais atualizados de medição. Uma similaridade craniométrica foi identificada entre os Botocudos e os paleoíndios da região de Lagoa Santa e da Colômbia, como no estudo de Lacerda e Peixoto de 1876. No entanto, a presença de traços comuns aos sambaquieiros proposta por Peixoto em 1885 não é mais levantada. A retenção de características morfológicas foi explicada pela baixa interação genética, principalmente com os Tupi, apesar de habitarem a mesma região por centenas de anos (Strauss *et al.*, 2015).

No campo da etnohistória, desde os anos 1990 não houve propostas sobre as origens históricas dos povos falantes de macro-jê no litoral norte do Espírito Santo. A única exceção é a obra de Maria Hilda B. Paraíso, que propõe que os grupos macro-jê, excetuando os Borum das regiões do sul da Bahia, do nordeste mineiro e do norte do Espírito Santo, poderiam ser subgrupos de uma mesma matriz cultural, instigando a discussão para linguistas e arqueólogos/as (Paraíso, 1994).

Na linguística histórica o tema borum é amplamente discutido por diversos autores (Emmerich; Montserrat, 1975; Martins *et al.*, 2016; Nikulin; Silva, 2020; Ribeiro, 2006; Rodrigues, 2015; Seki, 1987; Urban, 1998). Para os Borum, a linguística propõe, por meio da reconstrução fonológica e morfológica, uma origem comum às famílias linguísticas krenak (Borum) e as maxacali (maxacali, pataxó hãhãhã, pataxó, malali e provavelmente koropó) (Nikulin; Silva, 2020). Essa informação se acresce à preposição de Maria Hilda B. Paraíso (1994) sobre as populações borum. Em suma, haveria uma origem comum para os falantes das línguas borum, maxacali e pataxó.

Estudos genéticos realizados em 22 indivíduos botocudos do século XIX, provenientes dos estados de Minas Gerais, Bahia e Espírito Santo e armazenados no Museu Nacional (RJ), trouxeram novas informações sobre suas origens e sua relação com outras populações sul-americanas. Além disso, análises de isótopos de $\delta^{13}\text{C}$ e $\delta^{15}\text{N}$ nos esqueletos ofereceram dados sobre a subsistência dos Botocudos desse período. A comparação com bases de dados genéticos indicou a ancestralidade comum com outros grupos falantes de línguas do tronco macro-jê, especificamente, com os Xavante (família jê). No entanto, essa afinidade não seria conclusiva, e haveria a necessidade de mais dados genéticos para um entendimento acurado da relação dos Botocudos com as demais populações indígenas brasileiras (Cruz Dávalos *et al.*, 2022). Os dados genéticos apresentam importantes elementos para discutir as origens dos povos falantes de macro-jê, que, articulados com a linguística histórica e a arqueologia, indicam uma origem comum com o tronco tupi, com posterior dispersão entre o Centro-Oeste e o Sudeste do Brasil (Nikulin, 2020; Soares, 2013).

A análise de isótopos estáveis revelou uma alimentação rica em proteína animal para os Botocudos do século XIX analisados por Cruz Dávalos *et al.* (2022), com valores de $\delta^{13}\text{C}$ e $\delta^{15}\text{N}$ menores do que o reportado para um indivíduo sepultado em um sambaqui costeiro de Santa Catarina analisado no mesmo estudo. Os dados de $\delta^{13}\text{C}$ mostraram consumo de plantas C3 similar ao encontrado entre sambaquieiros fluviais do litoral sul de São Paulo e entre as populações do Holoceno inicial de Lagoa Santa, ambos não agricultores. Apesar de não serem mencionados explicitamente no trabalho, os valores de $\delta^{15}\text{N}$ para os Botocudos analisados são muito superiores aos reportados para os caçadores-coletores de Lagoa Santa e semelhantes, e levemente superiores aos valores

encontrados nos sambaquis fluviais de São Paulo, mas sem alcançar os valores típicos de sambaquis costeiros (Cruz Dávalos *et al.*, 2022). Isso indica que a proteína animal entre os Botocudos analisados não é equivalente à dos caçadores-coletores interioranos (como Lagoa Santa) e se vincularia com as fontes consumidas pelos ocupantes dos sambaquis fluviais de São Paulo, habitantes da Mata Atlântica. Essa proteína, além de representar o consumo de mamíferos terrestres da Mata Atlântica, poderia também incluir uma origem aquática, associada à pesca em rios (Cardoso *et al.*, 2024; Colonese *et al.*, 2014, 2020; Pezo-Lanfranco, 2018). No entanto, um detalhamento maior do aporte calórico de diferentes grupos de alimentos na dieta dos Botocudos analisados por Cruz Dávalos *et al.* (2002), com uso de modelos bayesianos, seria necessário para corroborar essa hipótese. Infelizmente, o trabalho nunca foi avaliado por pares, e se encontra em um repositório onde não foram disponibilizados os dados brutos.

APONTAMENTOS ARQUEOLÓGICOS E ETNOGRÁFICOS SOBRE OS BOTOCUDOS

Ao nos debruçarmos sobre a literatura referente aos Botocudos, existe uma grande disparidade de informações quando se compara a abundância de fontes etnográficas com as informações arqueológicas. Ao longo de sessenta anos de pesquisa arqueológica entre os estados da Bahia, do Espírito Santo e de Minas Gerais, nenhum sítio arqueológico foi vinculado aos falantes da língua borum (Costa, 2014; Erler, 2022; Hissa, 2022; Hissa; Isnardis, 2022; Perota, 1995; Tafoni, 2008).

Somente a análise etnoarqueológica feita por Baeta e Mattos (1994) permitiu a incorporação de sítios arqueológicos de pintura rupestre à paisagem cultural dos Krenak. A apropriação de sítios arqueológicos produzidos por grupos pretéritos no território indígena, dentro do universo cosmogônico borum, tem grande relevância na percepção do próprio território krenak. Todavia, não há indicação de sítios do período colonial entre os séculos XVI ao XIX (Baeta; Mattos, 1994, 2007).

Em grau mais avançado encontram-se os estudos sobre os grupos jê meridionais, ou jê do sul, distribuídos entre as regiões do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Nesses estados foram correlacionadas as populações históricas, em específico os Xokleng, com os dados arqueológicos da tradição cerâmica itararé-taquara. No entanto, não foram reportadas ainda datações radiocarbônicas ou de termoluminescência em cerâmicas que datem do período histórico de ocupação xokleng (Claudino, 2011; Farias, 2005; Lavina, 1994; Machado, 2017; Namem, 1994; Noelli, 1999, 2000).

Sobre a dificuldade de localizar, e inclusive de datar, sítios arqueológicos associados aos Botocudos, é necessário destacar a natureza dos materiais utilizados na confecção de artefatos e de outros objetos utilitários. Os Botocudos podem ser considerados grupos da floresta tropical, habitantes da Mata Atlântica, e sua cultura material, de acordo com as fontes, era majoritariamente feita a partir de vegetais (Ihering, 1911) (Figuras 2 e 3). A combinação entre um ambiente de ocupação em áreas tropicais, com solos ácidos e alta pluviosidade, e cultura material, principalmente vegetal, representa uma grande limitação para a conservação do registro arqueológico desses povos. Essa combinação de fatores poderia estar por trás da invisibilidade arqueológica borum. Na cultura material dos Botocudos também tem se mencionado a incorporação de instrumentos de ferro, utilizados como lâmina de corte, lascas e percutores líticos, além do uso de cerâmicas que, mesmo sendo de baixa incidência, foram encontradas por cronistas dentro das habitações (Hartt, 1941a; Rugendas, 1999; Saint-Hilaire, 1975). Porém, nenhum achado desse tipo foi recuperado em contexto arqueológico.

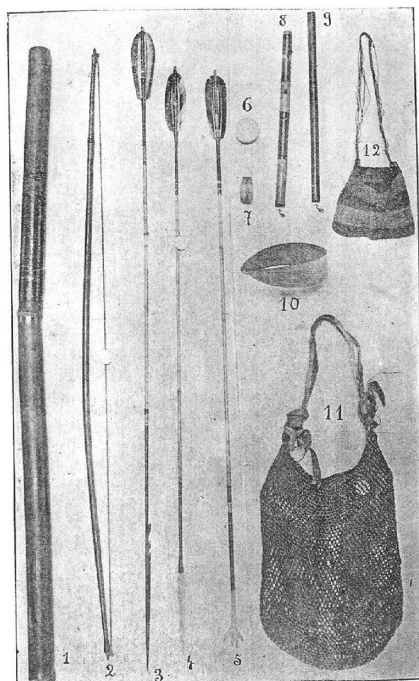
Figura 2. Desenho elaborado por Maximiliano de von Wied-Neuwied com representação de utensílios do cotidiano botocudo do início do século XIX.



Legenda: 1) rabo de tatu "buzina"; 2) fava de fogo; 3) bolsa; 4) estojo peniano; 5) colar; 6) faca de metal; 7) osso trabalhado para comer carne; 8) taquara-açu para armazenar água.

Fonte: Von Wied (1942).

Figura 3. Foto de Walter Garber, utensílios coletados em missão do Museu Paulista (1906-1909).



Legenda: 1) Pedaço de bambu grosso, em que os Botocudos transportam a água potável quando estão em viagem; 2) arco de um cacique; 3) flecha de caça; 4) flecha de guerra; 5) flecha para atordoar animais; 6) e 7) botoques; 8) flauta dos Minhagiruns; 9) flauta dos Botocudos do Manhuaçu; 10) coroa do cacique; 11) e 12) sacolas para a caça.

Fonte: Hering (1911).

No registro etnográfico sobre os Botocudos menciona-se uma baixíssima incidência da prática da agricultura. O acesso a produtos cultivados ocorria por meio do ataque a plantações alheias, como extensão da coleta, como cita o príncipe Maximiliano de von Wied:

Os “tapuias”, além disso são muito prejudiciais a todas as plantações dos europeus; pois, toda a vez que lhe é possível, roubam tanto o milho denominado “jadnirum” na língua dos botocudos, como a mandioca e outros gêneros semelhantes. Apreciam ainda a abobora, a batata, a banana, o mamão (*Carica*) e outros frutos da plantação (Von Wied, 1942, p. 292).

É interessante que cronistas do século XIX registram a precaução de outros grupos vizinhos, como os Kamacan, de estabelecer estratégias para evitar o furto de suas plantações, segundo o relato de J. B. Douviulle (Bentivoglio; Costa, 2024, p. 81): “Penetramos em floresta espessas e não distinguimos nenhuma trilha. Eles sempre evitam criar trilhas que poderiam servir de guia para outras pessoas virem roubar os frutos de seu trabalho”. O sistema de forrageamento dos Botocudos para os frutos da floresta é estendido para as plantações de outras etnias e configurou-se imprescindível dentro de seu padrão de subsistência. Essas informações correspondem, indiretamente, aos dados isotópicos obtidos por Cruz Dávalos *et al.* (2022), que identificaram o alto consumo de plantas C3 entre os Botocudos do século XIX, semelhante a grupos forrageadores da Mata Atlântica, como os sambaquieiros fluviais de São Paulo. Assim, os valores reportados para os Botocudos poderiam corresponder à coleta de frutos da Mata Atlântica, com ocasional consumo de cultivados furtados. No entanto, como mencionado antes, os dados brutos da análise isotópica não se encontram disponíveis, o que impede a tentativa de avaliar o aporte de diferentes fontes alimentares.

O furto sistemático de produtos agrícolas contribuía para a penetração em territórios hostis. Como cita o príncipe Maximiliano de von Wied, em um dos poucos relatos sobre a atividade agrícola borum: “Para cima de Belmonte, no território de Minas Novas, há outro lugar que os ‘Botocudos’ fizeram plantações; mas daí também se retiraram novamente para as florestas, tendo os Machacaris fundado no lugar uma aldeia ou grande ‘rancharia’” (Von Wied, 1942, p. 242). Esses assentamentos de menor permanência indicam locais selecionados para o estabelecimento de aldeias menores e periféricas, que eram frequentemente reocupadas por outras etnias, como cita Von Wied.

Quando os relatos tratam da pesca, esta era praticada com o uso de arco-e-flecha e, em menor frequência, com anzóis adquiridos dos portugueses:

Para pegar peixes, como já disse, fabricam com a madeira do “coco do palmito”, que no Belmonte chamam “issara”, um pequeno arco de 3 a 3½ pés de comprimento e uma flecha de tamanho proporcional, sem penas e de ponta lisa, sem farpas. Costumam despejar antes, nos lugares em que a água é rasa, raízes esmagadas de certas arvores, afim de atrair ou entorpecer o peixe. Raramente lhes escapa à flechada o peixe que está dentro d’água; cheguei a vê-los pescar até com flechas compridas de caça. As crianças é que principalmente pescam com arco e flecha. Apreciam extraordinariamente os anzóis, que apreenderam a usar com os portugueses, não havendo para eles presente mais agradável (Von Wied, 1942, p. 291).

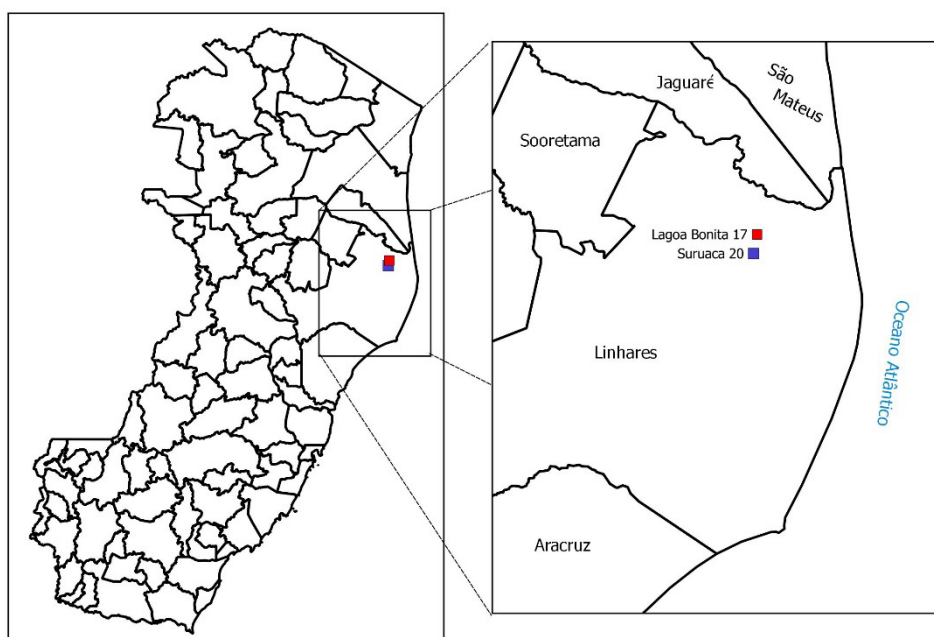
A dinâmica de circulação entre ocupação-retirada-retorno proporcionava aos Borum maior capacidade de ataques a outros grupos. Ao que tudo indica, a noção de “lugar” para os Borum seguia para um centro com aldeia grande e outras zonas de amortecimento que estabeleciam, além da captação de recursos, uma pressão preventiva sobre outros grupos indígenas e sobre a sociedade nacional (Von Wied, 1942).

Os registros de ataques botocudos se tornam intensos a partir da segunda metade do século XVIII. A pressão preventiva motivada pelo histórico de violência aumenta consideravelmente com a presença europeia, que, em sucessivas invasões aos territórios de diversos povos, obriga à intensificação de conflitos interétnicos indígenas. O registro da captura de indígenas para trabalho escravo, principalmente crianças e mulheres, foi comum. Muitas expedições de guerra contra fazendeiros se deviam ao resgate de crianças, conhecidas por “curukas” transformadas em escravas (Coelho, 2009; Medeiros, 1983).

BOTOCUDOS EM SAMBAQUIS DO ESPÍRITO SANTO

O que o registro arqueológico do Espírito Santo mostra sobre os Botocudos? E por que haveria registro de Botocudos em sambaquis? As datações obtidas nos sambaquis Lagoa Bonita 17 (LB17) e Suruaca 20 (SUR20) levantaram essa questão (Figura 4).

Figura 4. Localização dos sambaquis Lagoa Bonita 17 e Suruaca 20 no Município de Linhares, litoral norte do Espírito Santo.



Fonte: Costa (2020).

Esses sambaquis representam as evidências mais antigas documentadas até o momento de ocupação humana no litoral do Espírito Santo, com idades de até c. 6.800 anos AP (SUR20: 6987-6795 cal AP; LB17: 6410-6029 cal AP) e uma potencial ocupação contínua até c. 3.700 cal AP (Villagran *et al.*, 2018). Duas escavações foram abertas em cada sítio durante as pesquisas iniciadas em 2015, uma no centro (Escavação 1) e outra na periferia (Escavação 2) para capturar a diversidade composicional intrassítio. Informações detalhadas sobre localização, composição, estratigrafia e datação completa dos sítios

encontra-se em Villagran *et al.* (2018). No início da ocupação, a mata de tabuleiros, manguezais e restingas caracterizavam o ambiente em volta dos sítios. Com o progressivo declínio do nível relativo do mar após c. 5.500 anos AP, os manguezais se deslocaram seguindo a linha de costa e o ambiente foi dominado por pântanos (França *et al.*, 2015; Lorente *et al.*, 2015).

Nos sambaquis Lagoa Bonita 17 e Suruaca 20, que foram inicialmente ocupados há 6800-6200 anos atrás, foram reportadas datações em carvão que sugerem uma reocupação dos sítios nos séculos XVIII e XIX (Tabela 1). Em ambos os sítios as datas mais recentes provêm das fácies 2. No Lagoa Bonita 17 a fácies 2 representa a camada por debaixo da camada superficial do sítio (fácies 1). Nesse sambaqui, o carvão datado foi coletado em planta na Escavação 2 nos primeiros dez a quinze centímetros de profundidade. No Suruaca 20 o carvão datado dos séculos XVIII e XIX foi coletado de uma fogueira bem preservada localizada entre dez e quinze centímetros de profundidade dentro da fácies 3 na Escavação 1, identificada como fácies 2 (Figura 5). Assim, na Escavação 1 do Suruaca 20 a fácies 2 corresponde unicamente aos carvões inteiros associados à fogueira, mas os sedimentos que representam a ocupação do sítio correspondem à fácies 3.

Tabela 1. Datações de ¹⁴C em sambaquis do Espírito Santo que indicam possível ocupação por grupos botocudos.

Sítio	Idade ¹⁴ C (anos AP)	Idade Calibrada (anos AD, 95,4%)	Distribuição de probabilidade	Código	FONTE
Lagoa Bonita 17	174±90	1521-moderna	68.3% probability 1658AD (12.5%) 1699AD 1722AD (28.6%) 1814AD 1834AD (14.7%) 1888AD 1908AD (12.5%) ... 95.4% probability 1520AD (6.1%) 1586AD 1622AD (89.3%) ...	LACUFF16004	Villagra <i>et al.</i> (2018)
Suruaca 20	118±21	1683-1930	68.3% probability 1693AD (10.3%) 1710AD 1718AD (4.8%) 1726AD 1810AD (6.7%) 1822AD 1832AD (38.5%) 1893AD 1905AD (8.0%) 1918AD 95.4% probability 1683AD (25.0%) 1735AD 1802AD (70.5%) 1930AD	LACUFF160266	Villagran <i>et al.</i> (2018)
ES-VI-40	140±65	1664-moderna	68.3% probability 1676AD (11.7%) 1708AD 1718AD (8.8%) 1743AD 1750AD (5.1%) 1764AD 1799AD (7.5%) 1820AD 1832AD (22.3%) 1892AD 1906AD (13.0%) 1942AD 95.4% probability 1664AD (40.7%) 1786AD 1792AD (54.8%) ...	SI-1185	Celso Perota, comunicação pessoal, 25 de junho 2024

Nota: As idades convencionais foram calibradas com software OxCal usando a curva SHCal20.

Fonte: Costa (2020).

Figura 5. Vista geral da fogueira dos séculos XVIII e XIX identificada na Escavação 1 do sambaqui Suruaca 20.



Fonte: Villagrán (2016).

O escasso recuo temporal dessas idades, localizadas a poucos centímetros de distância de idades de mais de 3 mil anos, levantou a hipótese de se tratar de reocupações dos sítios por grupos etnohistóricos da região, que, de acordo com os relatos apresentados antes, poderiam corresponder aos Botocudos. Nos séculos XVIII e XIX, houve uma intensa ocupação dos grupos borum no litoral norte do Espírito Santo, sem indicativos de presença de outras etnias (Nimuendajú, 1981). Sobre possíveis incursões luso-brasileiras nessa mesma faixa, que poderiam corresponder às reocupações dos sambaquis, os dados indicam que a penetração entre os rios Doce e São Mateus somente aconteceu na segunda metade do século XX, após a consolidação da ferrovia Vitória-Minas, quando há declínio da estabilidade territorial borum (Almeida, 1959), portanto fora do intervalo reportado para as idades mais recentes dos sambaquis de Linhares.

Além dos dois sambaquis mencionados antes, informações obtidas pelo arqueólogo Celso Perota na época do Pronapa reportam a datação de um carvão recuperado a 1,2 metro de profundidade em um sambaqui a norte da baía de Vitória (sítio ES-VI-40), com idade que também remete aos séculos XVIII e XIX. Essa poderia ser outra possível evidência de reocupações dos sambaquis do Espírito Santo em tempos recentes (Tabela 1).

Como citado anteriormente, o primeiro indicativo da possibilidade de que as datações recentes em sambaquis representam ocupações de Botocudos foi a sobreposição com a cartografia étnica que, entre o início do século XVII e o final do século XIX, mostra constante presença de falantes da língua borum no território investigado (Figura 1). Igualmente, relatos de jesuítas em 1610 indicam o domínio dos Borum no rio Doce (Monteiro, 1966), oferecendo mais indicativos históricos para a correlação das datações recentes nos sambaquis com esses povos.

Tanto no sambaqui Lagoa Bonita 17 quanto no Suruaca 20 não se encontraram elementos da cultura material, tais como artefatos líticos ou cerâmicos, que permitissem refinar a identificação étnica proposta unicamente com base nas datações ^{14}C . O único material arqueológico que oferece informação sobre o modo de vida associado às ocupações recentes

desses sambaquis são os vestígios faunísticos, analisados por Costa (2020). Em ambos os sítios se observa um aumento na representação de mamíferos, aves e répteis nas camadas superficiais, assim como uma drástica redução da frequência de invertebrados em relação às ocupações de 6.000 a 3.000 anos AP. No entanto, ao longo de todos os momentos de ocupação dos sítios, da base até o topo, há sempre predomínio dos peixes. As espécies faunísticas identificadas no sítio Suruaca 20 são todas do bioma da Mata Atlântica, com abrangência entre a floresta ombrófila densa, bosques de manguezais e sistema estuarino. Com exceção do sargo-de-dente (*Archosargus probatocephalus*), todos os peixes da família de bagres (Ariidae), carapebas (*Diapterus rhombeus*) e linguado (*Achirus lineatus*) são do tipo diádromo⁶, podendo ocorrer tanto em zonas fluviais como em salinas. A relevância do consumo faunístico é mais bem investigada com a estimativa de biomassa nas categoriais faunísticas identificadas. Como pode ser observado no Quadro 1, o consumo de peixes nas duas fácies superficiais do sambaqui Suruaca 20 foi de 5.760 quilos, seguido de mamíferos, com 0,492 quilos. Aves e invertebrados têm baixíssima representação no consumo de biomassa, com 0,035, 0,002 e 0,140 quilos para aves, ostras e caranguejos, respectivamente (Quadro 2).

O padrão de distribuição da fauna nas fácies superficiais (fácies 1 e 2 – Escavação 2) do sambaqui Lagoa Bonita 17 é similar ao identificado nas fácies 1 e 3 de Suruaca 20 (Escavação 1). Nessas fácies se encontrou pelo menos um exemplar de bagre tipo ariídeo (Quadro 1). Esse peixe é predominante no ambiente costeiro, mas, por ser um peixe diádromo, ocorre também em áreas fluviais. Também se recuperou pelo menos um espécime de cação, espécie predominante na faixa marinha, mas que, em fase juvenil, é comumente encontrado em estuários. A conversão em consumo por biomassa dos peixes consumidos nas fácies 1 e 2 indicou um total de 1,168 quilo, seguido pelos mamíferos, com 0,066 quilo. Os invertebrados apresentaram ostras com 0,011 quilo, caranguejo com 0,020 quilo e amêijoas com 0,003 quilo, todos de ambiente estuarino (Quadro 3).

Quadro 1. Distribuição da fauna identificada e seu Número Mínimo de Indivíduos (NMI) nas fácies 1 e 3 do sítio Suruaca 20 (SUR20) e nas fácies 1 e 2 do Lagoa Bonita 17 (LB17).

Fauna identificada nos sambaquis SUR20 e LB17			
SUR20 – fácies 1 e 3		LB17 – fácies 1 e 2	
Nome	NMI	Nome	NMI
Bagres (Ariidae)	9	Ariidae (bagres)	1
Bagre amarelo (<i>Catharops spixii</i>)	1	“cação” <i>Odontaspis taurus</i>	1
Bagre caçari (<i>Genidens genidens</i>)	1	Roedores	2
Scianídeos	14	Dasypodidae (tatus)	1
Sargo-de-dente (<i>Archosargus probatocephalus</i>)	1	Lagarto teiú (<i>Tupinambas teguixim</i>)	1
Robalo (<i>Centropomus ensiferus</i>)	1	Caranguejo uça (<i>Ucides cordata</i>)	15
Linguados (<i>Achirus lineatus</i>)	3	Ostras (<i>Crassostrea brasiliana</i>)	2
Carapeba (<i>Diapterus rhombeus</i>)	1		

continua...

⁶ Espécies de peixes que migram entre o mar e os rios.

Quadro 1. Continuação

Fauna identificada nos sambaquis SUR20 e LB17			
SUR20 – fácies 1 e 3		LB17 – fácies 1 e 2	
Nome	NMI	Nome	NMI
Caranguejo uça (<i>Ucides cordata</i>)	45		
Goiamum (<i>Cardisoma guanhumi</i>)	1		
Siri (<i>Callinectes sp</i>)	1		
Aratu (<i>Ocypode quadrata</i>)	1		
Cracas marinhas (<i>Amphitrite sp</i>)	6		
Ostra (<i>Crassostrea brasiliiana</i>)	3		
Lambreta (<i>Phacoides pectinata</i>)			
<i>Auris bilabilata</i>	13		
<i>Obeliscus obeliscos</i>	6		
<i>Megalobulimus sp</i>	6		
<i>Rectartemon depressus</i>	2		
<i>Bradybaena similares</i>	1		
Paca (<i>Agouti paca</i>),	1		
Cutia (<i>Dasiprota sp</i>)	1		
Preás (<i>Cavia sp</i>)	7		
Um gambá saruê (<i>D. marcupialis</i>)	1		
Macacos sagui (<i>Callitrix sp</i>)	2		

Fonte: Costa (2020).

Quadro 2. Distribuição de biomassa entre as fácies 1 (F1) e 3 (F3) da Escavação 1 do sítio Suruaca 20. O carvão datado dos séculos XVIII-XIX foi encontrado na fogueira intacta (fácies 2) recuperada da fácies 3.

Fácies	Categoria de fauna	Biomassa (kg)
F1	Peixe	3.880
	Caranguejo	0,072
	Ostra	0,002
	Mamífero	0,443
	Ave	0,035
F3	Peixe	1,880
	Caranguejo	0,038
	Ostra	0,002
	Mamífero	0,049
Total		6,401

Fonte: Costa (2020).

Quadro 3. Distribuição de biomassa entre as fácies 1 (F1) e 2 (F2) da Escavação 2 do Lagoa Bonita 17. O carvão datado dos séculos XVIII-XIX foi encontrado em planta na fácies 2.

Fácies	Categoria de fauna	Biomassa (kg)
F1	Peixe	0,528
	Caranguejo	0,014
	Ostra	0,009
	Ameijoa	0,003
	Mamífero	0,050
F2	Peixe	0,640
	Caranguejo	0,006
	Ostra	0,004
	Mamífero	0,016
Total		1,270 kg

Fonte: Costa (2020).

Como citado antes, diversas fontes etno-históricas relatam a pesca entre as atividades de subsistência dos Botocudos (Hartt, 1941a; Saint-Hilaire, 2002; Von Wied, 1942). Porém, a pesca estaria restrita a lagos e rios, sem relatos de pesca na costa, apesar da presença regular dos Borum no litoral que começa a ser repelida no século XIX com o estabelecimento de fortificações (Marinato, 2007; Paraíso, 1990, 1998, 2009). O predomínio de peixes diádromos nos sítios, ou seja, peixes com circulação em áreas marinhas, estuários e rios, indica que a pesca durante os episódios recentes de ocupação dos sambaquis não estaria restrita à costa, mas incluiria lagunas, rios e lagos, conforme indicam as crônicas borum. Em termos de valor nutricional, há pouca diferença⁷ entre os peixes diádromos e os estritamente dulcícolas (Sousa; Almeida, 2018). Assim, apesar dos ambientes salinos apresentarem uma diversidade de espécies muito maior que os de água doce (Langeani *et al.*, 2008), o retorno calórico e nutricional seria o mesmo.

CONCLUSÃO

A premissa deste trabalho é discutir a associação das ocupações mais recentes de dois sambaquis no norte do Espírito Santo com a presença de Botocudos na região, conforme demonstrado em diversos relatos e crônicas etno-históricas. Esta análise, embora limitada a dois sítios, mostra que as camadas superficiais dos sambaquis Lagoa Bonita 17 e Suruaca 20, com cronologia que remonta aos séculos XVIII-XIX, apresentam composição faunística similar, sugerindo que os ocupantes dos dois locais tinham dietas semelhantes. Isso poderia ser extrapolado, pela datação de ¹⁴C, ao sambaqui ES-VI-40, localizado na faixa norte da baía de Vitória. No entanto, análises zooarqueológicas são necessárias para corroborar essa interpretação. Até o momento, além das datações de ¹⁴C, a fauna recuperada nos sambaquis Lagoa Bonita 17 e Suruaca 20 poderia ser a única evidência arqueológica da presença de Botocudos no litoral norte do Espírito Santo.

Ao comparar o resultado das análises faunísticas aqui apresentadas com os resultados das análises de isótopos estáveis de $\delta^{13}\text{C}$ e $\delta^{15}\text{N}$ em Botocudos do século XIX

⁷ Peixes de salinidade apresentam maior presença de ômega 3, que tem baixa concentração em peixes dulcícolas.

(Cruz Davalos *et al.*, 2022), nota-se uma correlação interessante. Os dados isotópicos para Botocudos do século XIX indicam dieta pobre em recursos marinhos (Cruz Dávalos *et al.*, 2022) quando comparados com dados obtidos em sambaquis costeiros. Porém, os dados indicam uma dieta rica em animais terrestres e, potencialmente, aquáticos, como discutido antes, com valores isotópicos semelhantes aos reportados para os sambaquieiros fluviais do estado de São Paulo, habitantes também da Mata Atlântica. A análise zooarqueológica nos sítios Suruaca 20 e Lagoa Bonita 17 indica uma clara preferência pela pesca nas ocupações dos séculos XVIII e XIX. Os peixes consumidos em ambos os sambaquis eram preferencialmente do tipo diádromo. Isso indica que houve preferência pela exploração dos rios, lagos e lagunas próximos aos sítios, sem pesca de espécies marinhas, conforme indicado nas fontes etno-históricas (Hartt, 1941a; Saint-Hilaire, 2002; Von Wied, 1942). A análise zooarqueológica também vai ao encontro dos relatos etno-históricos, que indicam a pesca em rios e lagos dentre as atividades específicas dos Borum. Por exemplo, a descrição de Charles F. Hartt apresenta aspectos semelhantes sobre a pesca descrita por Wied no início do XIX: “Atiram nos peixes geralmente pequenas flechas, que usam com grande habilidade. Algumas vezes, empregam uma raiz venenosa, que, colocada na água de uma lagôa, mata o peixe” (Hartt, 1941a, p. 637-638). Todavia, a pesca teve uma relevância permanente entre os Borum, enquanto se mantiveram como sociedades autárquicas em oposição à sociedade nacional.

Ao comparar os dados isotópicos com os relatos sobre os Borum, observa-se outra correlação. Os dados isotópicos reportam consumo de plantas C3, com valores semelhantes aos dos caçadores-coletores de Lagoa Santa e dos sambaquieiros fluviais que nunca praticaram a agricultura. No início do século XX, Hugo Wernicke, em visita a colônias de origem alemã, observa nas populações indígenas dos Botocudos do rio Doce que “em parte encontram-se num estágio cultural bastante elementar, pois não desenvolvem atividades agrícolas e vivem apenas da caça, da pesca e da coleta de frutas agrestes” (Wernicke, 2013, p. 150). Não é possível afirmar se a ausência total de atividade agrícola descrita por Wernicke deveu-se ao pouco contato ou se sua ideia de agricultura era a das propriedades rurais da Europa e da América capitalista. No entanto, outras fontes etno-históricas do século XIX mencionam a ausência de agricultura e prática de furto de plantações alheias.

Como articular então os dados arqueológicos e isotópicos com a informação etno-histórica sobre os Botocudos? O relato etno-histórico e os dados isotópicos corroboram o consumo de plantas C3 sem prática de agricultura. Igualmente, a caça é predominante no registro etno-histórico e corroborada no estudo isotópico, mas seu aporte no registro arqueológico foi secundário. Os dados etno-históricos, por sua vez, apontam para uma certa relevância da pesca entre os Botocudos, mas não a descrevem como sendo a base do sistema de subsistência, e sim como indicado no registro arqueológico dos sambaquis analisados.

Nesse sentido, cabe destacar que os valores de $\delta^{13}\text{C}$ e $\delta^{15}\text{N}$ para os Botocudos do século XIX se sobrepõem aqueles reportados para habitantes da Mata Atlântica arqueologicamente conhecidos: os sambaquieiros fluviais de São Paulo. Estudos zooarqueológicos nos sambaquis fluviais paulistas indicam uma subsistência com aporte variável de caça de mamíferos, anfíbios e pesca em água doce (Figuti; Plens 2014; Plens 2010; Tognoli 2016). Isso pode servir de evidência indireta para repensar o aporte da pesca entre os Botocudos do século XIX analisados por Cruz Dávalos *et al.* (2022) e, em última instância, sugerir que as evidências de pesca nos sambaquis analisados podem ser relacionadas a ocupações Borum.

Em vista das colocações anteriores, três hipóteses podem ser levantadas: 1) os sambaquis Lagoa Bonita 17 e Suruaca 20 correspondem a locais de atividade específica para pesca, não representando a totalidade da atividade econômica dos Botocudos, e sim somente uma parte do sistema de captação de recursos durante a ocupação do litoral norte do Espírito Santo; 2) os sambaquis Lagoa Bonita 17 e Suruaca 20 representam a supervivência mais tardia das sociedades costeiras, que ocuparam a região há mais de 6 mil anos, após uma mistura populacional com grupos vindos do interior, como os falantes de línguas Borum; ou 3) esses sambaquis não representam reocupações por povos borum, mas por outros povos não identificados pelo registro etno-histórico local.

Das três hipóteses apresentadas, a terceira carece de sustentação etno-histórica e pode ser considerada como falsa. A segunda hipótese, apesar de interessante por assumir que teria havido uma permanência tardia de povos sambaquieiros no período colonial, somente poderá ser verificada com dados genéticos que demonstrem a mistura populacional nas ocupações em sambaquis dos séculos XVIII e XIX. No entanto, até o momento, nenhum sepultamento humano foi recuperado dos sítios Lagoa Bonita 17 e Suruaca 20. Assim, a primeira hipótese parece ser a mais parcimoniosa, ao combinar os resultados da análise zooarqueológica com a cronologia dos sítios, os dados etno-históricos e os mapas da presença borum na área de estudo, além dos dados isotópicos sobre a dieta de Botocudos do século XIX. A utilização de sambaquis por outros grupos no passado não foi exclusiva dos Botocudos no Espírito Santo, como já é conhecido pela literatura arqueológica (Kozłowski; Kneip; Deblasis, 2022; Villagran, 2013). A incorporação de sambaquis dentro da estratégia de ocupação do território borum pode ter uma razão prática, já que esses locais oferecem estabilidade em áreas alagáveis e permitem a ampliação de zonas de pesca e caça. Ainda hoje é possível identificar sambaquis da região norte do Espírito Santo como pontos para refúgio do gado e construção de edificações, por serem locais elevados na época de cheias (Costa, 2020).

As pesquisas no litoral norte do Espírito Santo seguem em andamento e podem oferecer mais elementos para reforçar ou refutar a hipótese apresentada. No entanto, consideramos que a pesca, sempre presente no cotidiano dos Borum, pode ter sido recorrente entre esses povos e evidenciada pelos dados zooarqueológicos dos sambaquis aqui analisados. Cabe destacar que a militarização da faixa costeira pela Coroa portuguesa, implantando diversos quartéis entre o final do século XVIII e o início do XIX, pode ter interrompido a captação de recursos em zonas costeiras e estuarinas, o que teria obrigado os Borum a diminuir ou abandonar a pesca e focar a caça de espécies da Mata Atlântica para supervivência (Moreira, 2010; Paraíso, 1998). Em resumo, este artigo reconhece a necessidade de um aprofundamento das pesquisas na região para corroborar a hipótese de haver evidências da reocupação de sambaquis no litoral norte do Espírito Santo por Botocudos que subsistiam da pesca. No entanto, a correlação entre os dados isotópicos de Botocudos do século XIX com as informações etno-históricas e os dados zooarqueológicos aqui apresentados confirmariam, com base nas evidências atuais, a hipótese apresentada. Nesse caso, a invisibilidade arqueológica dos Botocudos pode ser repensada a partir dos achados nos sítios Lagoa Bonita 17 e Suruaca 20. Mesmo sem restos de cultura material, as evidências de pesca em sítios litorâneos dos séculos XVIII e XIX, localizados em áreas tradicionalmente habitadas pelos Borum, podem representar o único vestígio arqueológico dos Botocudos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Ceciliano Abel de. *O desbravamento das selvas do rio Doce (memórias)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.
- ANCHIETA, Padre José de. *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S.J. (1554-1594)*. [S. l.]: Publicações da Academia Brasileira, 1933.
- ATHAYDE, Antonio de. A semântica do vocabulo indígena capichaba. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo*, n. 9, 1935.
- BAETA, Alenice Motta; MATTOS, Izabel Missagia de. A Serra da Onça e os índios do rio Doce: uma perspectiva etnoarqueológica e patrimonial. *Habitus*, v. 5, n. 1, p. 39-62, 2007. DOI: <https://doi.org/10.18224/hab.v5.1.2007.39-62>.
- BAETA, Alenice Motta.; MATTOS, Izabel Missagia de. Arte rupestre, etno-história e identidade indígena no vale do rio Doce - MG. *Revista de Arqueologia*, v. 8, n. 1, p. 303-320, 1994. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v8i1.482>.
- BENTIVOGLIO, Julio; COSTA, Henrique Antônio Valadares. *Os Pataxó*. Serra: Milfontes, 2024. v. 6.
- BITTENCOURT, Gabriel. A vida dos documentos: documento pioneiro da historiografia capixaba: “Informação de Francisco Manoel da Cunha sobre a Capitania do Espírito Santo – 1811. In: BITTENCOURT, Gabriel. *Notícias do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1989.
- BLUMENBACH, Johann Friedrich. *Decas collectionis suae craniorum diversarum gentium illustrata (1790-1828)*. Gottingae: Apud Ioann, Chirst, Dieterich, 1828.
- BÓRMIDA, Marcelo. Los Gê, panorama etnológico. *Revista del Instituto de Antropología de la Universidad Nacional de Córdoba*, v. 2, n. 3, p. 135-176, 1965.
- BROCHADO, José. Proenza. A expansão tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. *Dédalo*, v. 27, n. 1, p. 65-82, 1989.
- CARDOSO, Jéssica Mendes; MERENCIO, Fabiana; VILLAGRAN, Ximena; WESOŁOWSKI, Verônica; ESTEVAM, Renata; FULLER, Benjamim T.; DEBLASIS, Paulo; PIERRE-GILSON, Simon; GUISEIX, Danaé; MÉJEAN, P.; FIGUTI, Levi; FARIAS, Deisi; GUIMARAES, Geovan; STRAUSS, Andre; JAOUEN, Klervia. Late shellmound occupation in southern Brazil: A multi-proxy study of the Galheta IV archaeological site. *PLoS ONE*, v. 19, n. 3, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0300684>.
- CARVALHO, Julia Araujo. *Território e trajetória Krenak: o olhar geográfico de uma disputa de narrativas*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2021.
- CLAUDINO, Daniela da Costa. *Arqueologia na encosta catarinense: em busca dos vestígios materiais Xokleng*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.
- COELHO, Marco Antônio Tavares. Genocídio e resgate dos “Botocudo”: entrevista com Aíron Krenak. *Estudos Avançados*, v. 23, n. 65, p. 193-204, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142009000100014>.
- COLONESE, André Carlo; COLLINS, Matthew; LUCQUIN, Alexandre; EUSTACE, Michael; HANCOCK, Y.; PONZONI, Raquel de Almeida Rocha; MORA, Alice; SMITH, Colin; DEBLASIS, Paulo; FIGUTI, Levy; WESOŁOWSKI, Veronica; PLENS, Claudia Regina; EGGERS, Sabine; FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy de; GLEDHILL, Andy;

- COLONESE, André Carlo; WINTER, Rachel; BRANDI, Rafael; FOSSILE, Thiago; FERNANDES, Ricardo; SONCIN, Silva; MCGRATH, Krista; VON TERSCH, Matthew; BANDEIRA, Arkley Marques. Stable isotope evidence for dietary diversification in the pre-Columbian Amazon. *Scientific Reports*, v. 10, n. 1, p. 1-12. 2020 DOI: <https://doi.org/10.1038/s41598-020-73540-z>.
- CORRÊA, Ângelo Alves. *Pindorama de mboia e iakaré: continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.71.2014.tde-17102014-154640>.
- COSTA, Henrique Antônio Valadares. *A ocupação holocênica no litoral norte do Espírito Santo*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, São Paulo, 2020.
- COSTA, Henrique Antônio Valadares. *Arqueologia do estado do Espírito Santo: subsídios para gestão do patrimônio arqueológico no período de investigação acadêmica de 1966 a 1975*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. DOI: <https://doi.org/10.11606/D.71.2014.tde-17102014-165433>.
- COSTA, Henrique Antônio Valadares; FACCIO, Neide Barrocá. A historicidade do indígena na Capitania do Espírito Santo: a construção da desumanização e a invisibilização do outro. *Revista de História*, n. 31, p. 3-26, 2013.
- COSTA, Henrique Antônio Valadares.; FACCIO, Neide Barrocá. A inserção do indígena no Espírito Santo entre os séculos XIX e o início do XX. In: NEVES, Getúlio M. P. (ed.). *A presença indígena no estado do Espírito Santo*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2016. p. 41-68.
- CRAIG, Oliver Edward. Correction: long-term resilience of late Holocene coastal subsistence system in southeastern South America. *PLoS ONE*, v. 9, n. 8, p. 1-13, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0093854>.
- CRUZ DÁVALOS, Diana Ivette; ARIZMENDI CÁRDENAS, Yami Ommar; BRAVO-LOPEZ, Miriam Jetzabel; NEUENSCHWANDER, Samuel; REIS, Sílvia; BASTOS, Murilo Q. R.; STENDERUP, Jesper; YEDIAY, Fulya Eylem; VILLA-ISLAS, Viridiana; REYNA-BLANCO, Carlos S.; RODRIGUES-CARVALHO, Claudia; HÜNEMEIER, Tábita; ALLENTOF, Morten E.; AMORIM, Carlos Eduardo G.; MORENO-MAYAR, J. Vítor; ÁVILA-ARCOS, Maria C.; MALASPINAS, Anna-Sapfo. *Indigenous peoples in eastern Brazil: insights from 19 century genomes and metagenomes* bioRxiv the preprint server for biology. Cold Spring Harbor Laboratory, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1101/2022.01.27.477466>.
- EMMERICH, Chalotte.; MONTSERRAT, Ruth. Sobre os Aimorés, Krens e Botocudos: notas linguísticas. *Boletim do Museu do Índio*, v. 3, 1975.
- ERLER, Dionne Miranda Azevedo. *Um estudo sobre a distribuição dos sítios arqueológicos da tradição aratu na paisagem capixaba*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/D.71.2022.tde-03072023-144207>.
- ESTIGARRIBIA, Antônio. Índios do rio Doce. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo*, v. 7, n. 1, p. 12-20, 1937. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Revista%20IHGES/07.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2025.
- FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy de. *Distribuição e padrão de assentamento: propostas para sítios da tradição Umbu na encosta de Santa Catarina*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- FERREIRA, Simone Raquel Batista (coord.). *Estudo territorial da comunidade de Areal e Santa Maria, rio Doce – Linhares*. Vitória: Observatório dos Conflitos no Campo, 2017.

- FIGUTI, Levi; PLENS, Cláudia. The riverine sambaqui: zooarchaeological studies of inland Brazilian shell mounds. In: MIRJANA, Roksandic; SOUZA, Sheila Mendonça de; KLOKLER, Daniela (ed.). *The cultural dynamics of shell-matrix sites*. Albuquerque (Novo México/EUA): University of New Mexico Press, 2014.
- FRANÇA, Marlon C.; ALVES, Igor Charles C.; CASTRO, Darcilêa F.; COHEN, Marcelo C. L.; ROSSETTI, Dilce F.; PESSENDA, Luiz C. R.; LORENTE, Flávio L.; FONTES, Neuza A.; BUSO JUNIOR, Antônio A.; GIANNINI, Paulo César Fonseca; FRANCISQUINI, Mariah Izar. A multi-proxy evidence for the transition from estuarine mangroves to deltaic freshwater marshes, Southeastern Brazil, due to climatic and sea-level changes during the late Holocene. *Catena*, v. 128, p. 155-166, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.catena.2015.02.005>.
- GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- HARTT, Charles Friedrich. *Geologia física e geografia do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941a.
- HARTT, Charles Friedrich. Sobre os Botocudos. In: HARTT, Charles Friedrich. *Geologia e geografia física do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941b.
- HISSA, Sarah de Barros Viana; ISNARDIS, Andrey. Panorama de sítios arqueológicos pré-coloniais em Minas Gerais: mapeamento em Sistema de Informação Geográfica e métricas básicas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas*, v. 17, n. 3, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/2178-2547-bgoeldi-2021-0103>.
- HISSA, Sarah de Barros Viana. Sítios históricos em Minas Gerais. *Revista de Arqueologia*, v. 35, n. 2, p. 154-180, 2022. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v35i2.925>.
- IHERING, Hermann von. Os Botocudos do rio Doce. *Revista do Museu Paulista*, v. 8, p. 38-51, 1911.
- KOZLOWSKI, Henrique; KNEIP, Andreas; DEBLASIS, Paulo. Aspectos da ocupação Sambaquieira e Guarani na Lagoa de Imaruí, litoral sul de Santa Catarina. *Revista de Arqueologia*, v. 35, n. 2, p. 63-84, 2022. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v35i2.994>.
- LACERDA FILHO, João Baptista.; PEIXOTO, José Rodrigues. Contribuições para o estudo antropológico das raças indígenas do Brasil. *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, v. 1, n. 1, p. 47-75, 1876. Disponível em: <https://repositorio.bvspovosindigenas.fiocruz.br/handle/bvs/6966>. Acesso em: 16 abr. 2025.
- LANGEANI, Francisco; BUCKUP, Paulo A.; MALABARDA, Luiz R.; PY-DANIEL, Lúcia H. Rapp; LUCENA, Ricardo S. Rosa; ZUANON, Jansen A. S.; LUCENA, Zilda M. S.; BRITO, Marcelo R.; OYAKAWA, Osvaldo T.; GOMES-FILHO, Gildo. Peixes da água doce. In: rocha, Rossana M. da; BOEGER, Walter A. (org.). *Estado da arte e perspectivas para a zoologia no Brasil*. Curitiba: Ed. UFPR, 2008. p. 211-230.
- LAVINA, Rodrigo. *Os Xokleng de Santa Catarina: uma etnohistória e sugestões para os arqueólogos*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1994.
- LORENTE, Flávio Lima; PESSENDA, Luiz Carlos Ruiz; CALEGARI, Márcia Regina; COHEN, Marcelo Cancela Lisboa; ROSSETTI, Dilce de Fátima; GIANNINI, Paulo César Fonseca; BUSO JUNIOR, Antonio Alvaro; CASTRO, Darcilêa Ferreira; FRANÇA, Marlon Carlos; BENDASSOLLI, José Albertino; MACARIO, Kita Chaves Damasio. Fitólitos como indicadores de mudanças ambientais durante o Holoceno na costa norte do estado do Espírito Santo. *Quaternary and Environmental Geosciences*, v. 6, n. 1, p. 26-40, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5380/abequa.v6i1.36239>.
- MACHADO, Juliana Salles. Arqueologias indígenas, os Laklãnô Xokleng e os objetos do pensar. *Revista de Arqueologia*, v. 30, n. 1, p. 89-119, 2017. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v30i1.504>.

- MARINATO, Francieli Aparecida. *Índios imperiais: os Botocudos, os militares e a colonização do rio Doce (Espírito Santo, 1824-1845)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007. Disponível em: https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Disserta%C3%A7%C3%B5es%20e%20Teses/Hist%C3%B3ria-UFES/UFES_PPGHIS_FRANCIELI_APARECIDA_MARINATO.pdf. Acesso em: 16 abr. 2025.
- MARTINS, Andrébio Márcio Silva; CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara; MIRANDA, Maxwell Gomes; COSTA, Lucivaldo Silva da; CAMARGOS, Lidianie Szerwinsk. O tronco macro-jê: hipóteses e contribuições de Aryon Dall'Igna Rodrigues. *Fragmentum*, n. 46, p. 101-122, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5902/fragmentum.v0i46.23392>.
- MEDEIROS, Rogério. O massacre dos Botocudos. In: MEDEIROS, Rogério. *Espírito Santo: maldição ecológica*. Vitória: ABS, 1983. p. 47-62.
- METRAUX, Alfred; PLOETZ, Hermann. La civilisation matérielle et la vie sociale et religieuse des indiens Zê du Brésil méridional et oriental. *Revista del Instituto de Etnologia de la Universidad de Tucumán*, v. 1, 1929.
- METRAUX, Alfred. The Botocudo. In: METRAUX, Alfred. *Handbook of South American Indians: the marginal tribes*. Washington (DC/EUA): Smithsonian Institution, 1946. p. 531-540.
- MONTEIRO, Jácome. Relação da Província do Brasil, 1610. In: LEITE, Serafim (ed.). *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966. v. 8. p. 393-428.
- MORAIS FILHO, Mello. *Revista da exposição anthropologica brasileira*. Rio de Janeiro: Typographia de Pinheiro & C., 1882.
- MOREIRA, Vânia Maria Losada. 1808: a guerra contra os botocudos e a recomposição do império português nos trópicos. In: CARDOSO, José Luís; MONTEIRO, Nuno Gonçalo; SERRÃO, José Vicente (ed.). *Portugal, Brasil e a Europa napoleônica*. Lisboa (Portugal): Imprensa de Ciências Sociais, 2010. p. 391-413.
- MOREIRA, Vânia Maria Losada. *Espírito Santo indígena: conquista, trabalho, territorialidade e autogoverno dos índios, 1798-1860*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2017.
- MOREL, Marcos. Cinco imagens e múltiplos olhares: descobertas sobre os índios do Brasil e a fotografia do século XIX. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, v. 8, p. 1039-1058, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702001000500013>.
- MORTON, Samuel George. *Crania Americana, or, A comparative view of the skulls of various aboriginal nations of North and South America*. Philadelphia (Pensilvânia/EUA): J. Dobson, 1839. Disponível em: <https://collections.nlm.nih.gov/catalog/nlm:nlmuid-60411930R-bk>. Acesso em: 16 abr. 2025.
- NAMEM, Alexandro Machado. Pré-história dos botocudos do estado de Santa Catarina (Brasil). *Revista de Arqueologia*, v. 8, n. 1, p. 157-165, 1994. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v8i1.471>.
- NEVES, Guilherme Santos. Informação do capitão-mor Ignácio João Monjardino ao governador da Bahia – 1790: origem da historiografia capixaba. *Revista do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo*, n. 53, 2000.
- NIKULIN, Andrey. *Proto macro-jê: um estudo desconstrutivo*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.
- NIKULIN, Andrey; SILVA, M. A. C. As línguas maxakalí e krenák dentro do tronco macro-jê. *Cadernos de Etnolinguística*, v. 8, n. 1, p. 1-64, 2020.
- NIMUENDAJÚ, Curt. *Mapa etno-histórico de curt Nimuendajú*. Rio de Janeiro: IBGE, 1981.

- NIMUENDAJÚ, Curt. Social organization and beliefs of the Botocudo of Eastern Brazil. *Southwestern Journal of Anthropology*, v. 2, p. 93-115, 1946. Disponível em: http://www.etnolinguistica.org/local--files/biblio:nimuendaju-1946-botocudo/Nimuendaju1946SocOrgBeliefsBotocudo_OCR.pdf. Acesso em: 16 abr. 2025.
- NOELLI, Francisco. Silva. A ocupação humana na região Sul do Brasil: arqueologia, debate e perspectivas. *Revista USP*, n. 44, p. 218-269, 2000. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i44p218-269>.
- NOELLI, Francisco. Silva. Repensando os rótulos e a história dos jê no sul do Brasil a partir de uma interpretação interdisciplinar. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, p. 285-302, 1999. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmaesupl/article/download/113474/111429/205334>. Acesso em: 16 abr. 2025.
- NOELLI, Francisco. Silva. The Tupi expansion. In: SILVERMAN, Hans; ISBELL, William Harris. (ed.). *The Handbook of South American archaeology*. Nova York (Nova York): pringer, 2008. p. 659-670.
- PACHECO, Renato. Notas sobre os botocudos. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo*, n. 17, 1957.
- PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. Amixokori, Pataxó, Monoxó, Kumanoxó, Kutaxó, Kutatoi, Maxakali, Malali and Makoni: Indian peoples or differentiated subgroups of a same nation? a reflection proposal. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 4, p. 173-188, 1994. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.1994.109203>.
- PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. *O tempo da dor e do trabalho: a conquista dos territórios indígenas nos sertões do leste*. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. Os Botocudo em Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo. *Dédalo*, v. 1, n. 28, p. 63-95, 1990.
- PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. Os Botocudos e sua trajetória histórica. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PEIXOTO, José Rodrigues. Novos estudos craniológicos sobre os botocudos. *Archivos do Museu Nacional*, v. 6, p. 205-256, 1885. Disponível em: http://biblio.wdfiles.com/local--files/peixoto-1885-botocudos/peixoto_1885_botocudos.pdf. Acesso em: 16 abr. 2025.
- PEZO-LANFRANCO, Luis. Evidence of variability in carbohydrate consumption in prehistoric fisher-hunter-gatherers of southeastern Brazil: spatiotemporal trends of oral health markers. *American Journal of Physical Anthropology*, v. 167, n. 3, p. 507-523, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1002/ajpa.23681>.
- PEROTA, Celso. Os índios de Aracruz. *Manuscrito*, 1995.
- PLENS, Cláudia. Animais para humanos na vida e na morte. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 20, p. 31-51, 2010. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2010.89909>.
- RELIGIÕES e costumes: os Botocudos. *Museo Universal, Jornal das Famílias Brasileiras*, v. 4, n. 46, p. 46-47, 1841.
- RIBEIRO, Eduardo Rival. Macro-jê. In: BROWN, Keith (ed.). *Encyclopedia of language & linguistics*. Oxford (UK): Elsevier, 2006. v. 7, p. 422-426.
- RODRIGUES, Ayrton Dall'Igna. Linguística: as línguas indígenas do Brasil. *Fragmentum*, n. 46, p. 1-11, 2015. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Arodrigues-2015-linguistica/rodrigues_2015_linguistica_OCR.pdf. Acesso em: 16 abr. 2025.

- RODRIGUES, Ayron Dall'Igna. Macro-jê. In: DIXON, Robert Malcolm Ward; AIKHENVALD, Alexandra Y. (ed.). *The Amazonian languages*. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 1999. p. 165-206.
- RUBIM, Francisco. Aurélio. *Memórias para servir à história até ao anno de 1817, e breve noticia estatística da Capitania do Espírito Santo, porção integrante do Reino do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nevesiana, 1840.
- RUGENDAS, Johann Moritz. *Viagem pitoresca através do Brasil (1835)*. São Paulo: Itatiaia, 1999.
- SAINT-HILAIRE, August de. *Viagem ao Espírito Santo e rio Doce*. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura de Vitória, 2002.
- SAINT-HILAIRE, August de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. São Paulo: Itatiaia, 1975. v. 4.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SEKI, Lucia. Apontamentos para a bibliografia da língua Botocudo / Borum. *Revista de Antropologia*, v. 30-32, p. 511-535, 1987.
- SOARES, Julia. Discutindo a tradição Aratu: proposta de um modelo de dispersão e implantação nas zonas de tensão ecológica. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 23, n. 1, p. 61-76, 2013. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2013.107025>.
- SOUSA, Álice Bruno Borges de; ALMEIDA, Neiva Maria de. Ácidos graxos em peixes marinhos e de água doce: um comparativo. *Cientec: Revista de Ciência, Tecnologia e Humanidades do IFPE*, v. 10, n. 1, p. 105-120, 2018.
- SOUSA, Gabriel Soares. de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Rio de Janeiro: Hebra, 2010.
- STRAUSS, Andre; HUBBE, Mark; NEVES, Walter Alves; BERNARDO, Danilo V.; ATUÍ, João Paulo. The cranial morphology of the Botocudo Indians, Brazil. *American Journal of Physical Anthropology*, v. 157, p. 202-216, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1002/ajpa.22703>.
- TAFONI, Frederico de Paula. *Erejakasó Piáng? As culturas sambaqueira, aratu, tupiguarani e portuguesa e a produção do espaço do extremo sul da Bahia, Brasil*. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- TOGNOLI, Anderson. *Zooarqueologia dos sambaquis fluviais caraça, estreito, tatupeva e lageado IV: uma leitura da paisagem sambaqueira da região de Itaoca: vale do Ribeira de Iguape*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/D.71.2016.tde-14072016-161333>.
- URBAN, Gregori. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- VASCONCELLOS, Simão de. *Chronica da companhia de Jesu do Estado do Brasil e do que obraram seus filhos n'esta parte do Novo Mundo*. Rio de Janeiro: Livraria Antônio Fernandez Lopes, 1865.
- VILLAGRAN, Ximena Suarez. *Relatório Técnico de Atividades 2015/2016. Projeto "Arqueologia do Litoral Norte do Espírito Santo: sambaquis do município de Linhares, ES. Projeto Científico - Processo de Prorrogação de Portaria de Pesquisa*. São Paulo: MAE/USP, 2016.
- VILLAGRAN, Ximena Suarez. O que sabemos dos grupos construtores de sambaquis? Breve revisão da arqueologia da costa sudeste do Brasil, dos primeiros sambaquis até a chegada da cerâmica jê. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 23, p. 139-154, 2013. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2013.107182>.

- VILLAGRAN, Ximena Suarez; PESSEDA, Luiz Carlos Ruiz; COSTA, Henrique Antônio Valadares; ATORRE, Tiago; ERLER, Igor da Silva; STRAUSS, Andre; BARIONI, Alberto; KLOKLER, Daniela; TOGNOLI, Anderson; DUARTE, Carlos; BONFIM, Paulo Vinicius; MACARIO, Kita. Os primeiros povoadores do litoral norte do Espírito Santo: uma nova abordagem na arqueologia de sambaquis capixabas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas*, v. 13, n. 3, p. 573-596, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981.81222018000300006>.
- VITÓRIA. *Carta dos oficiais da Câmara da Vila de Vitória, a Rainha D. Maria I a informar sobre as hostilidades praticadas pelo gentio bárbaro conhecido por nome Botocudo*. [S. l.]: Arquivo Histórico Ultramarino de Portugal, 1779.
- WERNICKE, Hugo. *Viagens pelas colônias alemãs do Espírito Santo: a população evangélico-alemã no Espírito Santo: uma viagem até cafeeicultores alemães em estado tropical do Brasil*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2013. Disponível em: https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/LIVRO_ViagemAsColoniasEvangelicasAlemas_Editado.pdf. Acesso em: 16 abr. 2025.
- VON WIED, Maximiliano Prinz. *Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817*. São Paulo: Editora Nacional, 1942. Disponível em: <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/437>. Acesso em: 16 abr. 2025.